



FUNDAÇÃO NACIONAL DO  
LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International  
Board on Books for Young People

IBBY

*Notícias 3*

Nº.3 Vol. 24 – Março de 2003

# *Mensagem do Dia Internacional do Livro Infantil – DILI/ IBBY, no Brasil, é tema do concurso comemorativo dos 35 anos da FNLIJ*

**M**ais uma vez temos a satisfação de ver a literatura brasileira para crianças e jovens e seus autores divulgados em todo o mundo. Tecendo uma rede de escritores, ilustradores, editores, especialistas em literatura e leitores, uma mensagem circula em 60 países, em cartazes e folders. É a mensagem do Dia Internacional do Livro Infantil – DILI/ do International Board on Books for Young People – IBBY. E a autora é a nossa querida e premiada escritora Ana Maria Machado.

Em homenagem ao escritor Hans Christian Andersen, o DILI é comemorado na data de seu nascimento, 2 de abril.

Cada seção do IBBY promove anualmente esse dia, difundindo uma mensagem de valorização do livro e da leitura literária, preparada por um dos países. Em 2003, a FNLIJ, como seção do IBBY, é a responsável pela preparação e divulgação da mensagem, composta pelo texto de Ana Maria Machado, vencedora do Prêmio Andersen 2000, e pela ilustração de Rafael Fabrice Yockteng Benalcázar. Para escolher a ilustração, a FNLIJ promoveu um concurso entre as seções latino-americanas do IBBY, tendo sido vencedora a que foi enviada pela seção colombiana, a Fundalectura.

A Editora Ática, como parceira da FNLIJ, apoiou a impressão e distribuição do cartaz e do folder.

Para comemorar o DILI e os 35 anos da FNLIJ, está sendo lançado um concurso, aberto a professores, bibliotecários, educadores e qualquer pessoa que promova a leitura entre crianças.

O Concurso FNLIJ 35 anos traz como tema a importância dos livros em nossas vidas, baseando-se na mensagem do Dia Internacional do Livro Infantil, tendo como objetivos promover a leitura literária e contribuir para a formação de professores e educadores brasileiros, mobilizando-os para a importância do livro infantil.

A partir da frase/tema: “Despertando o envolvimento das crianças com a literatura”, os participantes – professores, educadores, bibliotecários e todos adultos que, de alguma forma, promovem a prática da leitura infantil – devem elaborar um texto que privilegie a originalidade. A data limite para recebimento dos trabalhos é 31 de março de 2003. Veja o regulamento na página 2.

# Conheça o Regulamento do Concurso FNLIJ 35 anos

1. O Concurso FNLIJ 35 anos tem como objetivos promover a leitura literária e contribuir para a formação de professores e educadores brasileiros, mobilizando-os para a importância do livro infantil.
2. Os participantes devem enviar um texto sobre o tema "Despertando o envolvimento das crianças com a literatura". O trabalho deve valorizar a originalidade dos participantes e estar desvinculado de qualquer caráter didático.
3. Do concurso poderão participar professores, educadores, bibliotecários e todos adultos que, de alguma forma, promovem a prática da leitura infantil. Está vetada a participação de funcionários da FNLIJ e da Editora Ática.
4. Os participantes devem entregar 2 (duas) cópias do texto em papel, fonte Arial, corpo 12, espaço duplo. O trabalho deverá apresentar no mínimo 1 (uma) página de 25 linhas e, no máximo, 4 (quatro) páginas de 25 linhas.
5. Os participantes devem preencher corretamente a ficha de inscrição em anexo e enviá-la junto ao texto. **ATENÇÃO:** O uso de pseudônimo é obrigatório. No texto deve apenas ser registrado o pseudônimo do participante.
6. A inscrição é isenta de qualquer taxa.
7. Os textos devem ser entregues pessoalmente ou enviados à FNLIJ – Rua da Imprensa, 16 – sala 1212 – CEP 20030-120 – Rio de Janeiro/RJ. No envelope, deve-se indicar CONCURSO FNLIJ 35 ANOS. Os trabalhos serão aceitos até 31 de março de 2003. No caso de envio pelo Correio, vale a data da postagem.
8. Os textos enviados não serão devolvidos.
9. A FNLIJ e a Editora Ática indicarão um júri de especialistas para avaliar os trabalhos.
10. O prêmio será composto de dois acervos de livros e publicações, doados pela FNLIJ e pela Editora Ática. Um para o participante, outro para a escola ou biblioteca à qual ele é vinculado. Se o(a) participante for um(a) profissional autônomo(a), fica livre a ele(a) a escolha de uma entidade à qual gostaria de premiar. Os três primeiros colocados serão premiados, cabendo ao júri qualquer decisão diferente.
11. O resultado será divulgado no dia 28 de abril de 2003 no site da FNLIJ ([www.fnlij.org.br](http://www.fnlij.org.br)). A entrega dos acervos será feita no dia 23 de maio de 2003 durante a XI Bienal do Livro, a ser realizada no Rio de Janeiro.

Os interessados devem entrar em contato com a FNLIJ (ver endereço, telefones, e-mail e *home page* na página 12 deste informativo) para obterem a ficha de inscrição e o texto da mensagem de Ana Maria Machado, que foi publicada no *Notícias 1*, em janeiro de 2003.

Visite a página da FNLIJ  
na internet:

[www.fnlij.org.br](http://www.fnlij.org.br)

Os sócios da FNLIJ têm direito a uma senha, que lhes permite o acesso ao *Notícias* on line, para ser consultado antes mesmo da edição impressa!  
Cadastre-se já!!!

**Atenção ilustradores!**

31 de maio!

Esta é a data limite de inscrição para a Bienal Internacional de Bratislava, Eslováquia – BIB/2003!

As ilustrações deverão ser enviadas até 30 de junho de 2003.

Procurem o regulamento e a ficha de inscrição na FNLIJ!

Participe do 14º Congresso de Leitura – COLE, promovido pela Associação de Leitura do Brasil – ALB, que acontecerá em Campinas de 22 a 25 de julho. A FNLIJ é responsável, mais uma vez, pelo Seminário de Literatura Infantil e Juvenil.  
Aguardem novas notícias em breve!

A FNLIJ estará presente na 18ª Bienal Internacional do Livro, no Rio de Janeiro, que acontece de 15 a 25 de maio de 2003, um dos eventos mais importantes no cenário editorial de nosso país. O SNEL e a FAGGA, promotores da Bienal, doaram um espaço de 100 m2 para a Biblioteca/FNLIJ, oferecendo assim a milhares de leitores a oportunidade de conhecer e apreciar os melhores livros de literatura que foram escritos para crianças e jovens. No dia 23 de maio, haverá a comemoração dos 35 anos da FNLIJ e a entrega do Prêmio FNLIJ 2002. Não perca a oportunidade de participar desta grande festa do livro!

# Leitura de abrir pensamento

O autor, professor e historiador francês Roger Chartier, da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, França, esteve em 2002 no Rio de Janeiro e em São Paulo, a convite da editora FTD, para participar da 1ª Conferência FTD de Educação e Cultura. No Rio de Janeiro, a conferência de Chartier aconteceu na Fundação Biblioteca Nacional, no dia 17 de outubro, em evento promovido pela FNLIJ/PROLER/editora FTD, tendo como tema: "Leituras e leitores populares – séculos XV-XIX" (ver Suplemento desta edição). Em São Paulo, também dentro desta programação dos 100 anos da FTD, no dia 22 de outubro, Roger Chartier falou sobre "Do Leitor ao navegador – Os desafios do novo mundo textual".

*Em entrevista exclusiva para o Notícias, Roger Chartier fala sobre a importância do investimento nas bibliotecas públicas e analisa a força transformadora da literatura infantil.*

Márcio Vassallo

**NOTÍCIAS** - Em uma entrevista, você já disse que é fundamental apresentar às crianças e aos jovens os prazeres da leitura, "sem as tristezas da escola." O que há de mais triste na escola?

**ROGER CHARTIER** – A escola precisa ensinar as crianças a realmente lerem textos e discursos. Mas essa aprendizagem exige esforço, exige atenção, exige disciplina. Nem sempre é o que acontece, e isso é uma tristeza. Outra dimensão é que a leitura, na realidade, é um poder que adquirimos. O poder de apropriação dos textos, e também o poder da imposição por parte de autoridades. Saber ler é um instrumento que precisamos domar, precisamos controlar. E há os aspectos do prazer e da reflexão. Existe a idéia de que a leitura é simplesmente um prazer. Bem, na realidade, a leitura é muito mais do que isso. E esse prazer de ler tem que ser conquistado, com dedicação, num processo de muitas etapas.

**N.:** Dentro desse processo, o tema de 2002 do PROLER (Programa Nacional de Incentivo à Leitura) foi "Das bibliotecas escolares às bibliotecas públicas: caminhos democráticos para a formação do leitor." Na sua opinião, que caminhos são esses?

**R. C.:** O essencial é introduzir as crianças e os adultos ao mundo da leitura, de todas as formas, para que um dia o gosto pelo livro ultrapasse o espaço da escola e chegue à casa das pessoas. É preciso investir nas bibliotecas públicas, para que o livro se torne cada vez mais um objeto familiar, nas

mais diversas comunidades. O livro tem que estar presente em todos os lugares, tem que estar disponível para as pessoas que não têm recursos econômicos e culturais, para que elas possam adquiri-lo. Assim, é preciso multiplicar as bibliotecas públicas, para facilitar o acesso das pessoas ao livro. Nesse sentido, é preciso que haja uma convergência de iniciativas. O incentivo à leitura não é exclusivamente uma responsabilidade da escola.

**N.:** Como você avalia o trabalho do PROLER?

**R. C.:** Acho que o PROLER é uma iniciativa muito importante, com resultados realmente positivos. O PROLER trabalha em todo o país exatamente com o objetivo de convergir forças no sentido de capacitar profissionais que atuam na educação, na biblioteca, na área da leitura. Isso é maravilhoso.

**N.:** Muitas pessoas lembram que é preciso aumentar o número de bibliotecas e dinamizar as que já existem no Brasil. Mas pouca gente lembra que é necessário investir nas pessoas, nos profissionais que vão trabalhar no espaço da leitura, nos professores, nos bibliotecários, nos auxiliares de biblioteca, nos educadores em geral. Aliás, capacitar pessoas para trabalhar com o livro, a criança e o jovem, é um dos principais trabalhos da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e do PROLER. O que você acha dessa questão?

**R. C.:** Essa é uma questão fundamen-

tal. A biblioteca tem que garantir o acesso das pessoas aos livros, tem que facilitar a comunicação à distância, tem que valorizar os seus acervos, tem que ser um espaço democrático e coletivo, para socializar as pessoas, tem que possibilitar o exercício do prazer da leitura e da reflexão. Mas para tudo isso é imprescindível que a biblioteca conte com profissionais sensíveis, capacitados, preparados para lidar com o público. A biblioteca precisa de profissionais qualificados que tenham especialidades particulares, para dinamizar o espaço. Quem trabalha numa biblioteca precisa conhecer a História do livro, precisa conhecer as técnicas de organização da área, precisa conhecer técnicas de conservação do livro, precisa ler muito, precisa conhecer autores, precisa ter paixão pelo que faz. Não podemos pensar em multiplicar o número de bibliotecas num país, se não multiplicarmos o número de profissionais capacitados para trabalhar nelas.

**N.:** Saber escolher um livro é um dos grandes desafios do leitor e de quem trabalha com a leitura. Como um professor pode diferenciar as escolhas pessoais das escolhas coletivas, ao escolher um livro para trabalhar com os seus alunos?

**R. C.:** Sou um historiador, não tenho competência pedagógica. Mas acredito que a intensificação da leitura, o aprimoramento do senso crítico e a capacitação profissional ajudam muito o professor a diferenciar as suas próprias preferências inconscientes das escolhas coletivas de livros para trabalhar com os alunos. O fundamental é que, na História,

vemos uma entrada progressiva da literatura no mundo escolar. No século 19, a escola era contra a literatura, inclusive a literatura infantil, que nascia. Mas isso foi mudando com o tempo, felizmente.

*N.: O que a literatura infantil tem de mais importante?*

**R. C.:** A literatura infantil abre no pensamento das crianças uma significativa visão de mundo, e aprimora a reflexão, o senso crítico, a estética. Nesse sentido, um dos aspectos mais fundamentais da literatura infantil de qualidade é que ela estimula a percepção e diferentes formas de ver as coisas. Os escritores e ilustradores têm uma grande importância no estímulo à criatividade, ao sonho, à fantasia. Aqui no Brasil, por exemplo, fiquei impressionado com o trabalho do ilustrador Nelson Cruz. Conheci o Nelson pessoalmente, num evento que participei, em comemoração aos 100 anos da editora FTD. O traço do Nelson Cruz permite que o leitor estabeleça uma relação fascinante com a arte. É um tipo de ilustração que me seduz muito.

*N.: Pensamento seu publicado em Do Leitor ao Navegador (editora Unesp): “Um bom leitor é alguém que evita um certo número de livros, um bom bibliotecário é um jardineiro que poda a sua biblioteca, um bom arquivista seleciona aquilo que deve refugar em vez de armazenar. Eis aí temas inéditos de nossa época.” Para realmente abrir um livro a gente tem que fechar outros?*

**R. C.:** Sem dúvida. Há cada vez mais uma indomável e descontrolada proliferação de textos no mundo. Por isso, diante de tantas possibilidades, diante de tantas opções, um dos nossos grandes desafios é escolher o que, de fato, vamos ler, enfim, temos que avaliar o que significa uma leitura importante para cada um de nós. Pessoalmente, tenho me tornado cada vez mais seletivo em relação à leitura.

*N.: Em A Ordem dos Livros, você diz que “a leitura é por definição, rebelde e vadia.” Em que sentido a rebeldia e a vadiagem da leitura são mais sedutoras?*

**R. C.:** A leitura não se encerra na intenção do autor nem na estratégia do editor. O processo de apropriação de um livro tem que ser cercado de liberdade. Essa é uma liberdade que provoca rebeliões no leitor, contra o próprio texto, e também gera grandes interações com esse mesmo texto. Nesse sentido, a rebeldia e a vadiagem são sedutoras na leitura, porque evitam que o leitor fique submisso ao texto e à mensagem, alienado dos seus próprios pen-

samentos e das suas próprias interpretações. Mas essa é uma liberdade limitada. Não é qualquer leitor que pode exercê-la. É preciso que ele tenha recursos culturais, é preciso que ele tenha os seus códigos, é preciso que ele tenha disponibilidade para isso. E a liberdade do leitor também depende das suas condições de vida como indivíduo e dentro da sua comunidade.

*N.: Outro pensamento seu: “Os artificios de que lançam mão os leitores para obter livros proibidos, ler nas entrelinhas, e subverter as lições impostas, são infinitos.” De que forma ler é subverter?*

**R. C.:** Nem toda leitura é subversiva. Mas ao longo dos séculos e no próprio mundo contemporâneo, nas mais diversas situações históricas, principalmente durante a Inquisição, durante as ditaduras, durante todos os regimes autoritários, os livros foram queimados, foram proibidos, foram destruídos, geralmente por serem considerados subversivos. E isso provocou muitas formas de leituras clandestinas, até mesmo com os leitores correndo grandes riscos de vida. Nesse sentido, ler era uma forma de resistir à tirania e ao autoritarismo.

*N.: Também em A Ordem dos Livros, você cita um texto de Michel Certeau: “Bem longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos lavradores de antanho – mas sobre o solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas –, os leitores são viajantes: eles circulam sobre as terras de outrem, caçam, furtivamente, como nômades através de campos que não escreveram, arrebatam os bens do Egito para com eles se regalar (...).” Caçadores de asas e construtores de casas... Será que de algum modo o leitor é um nômade com raízes?*

**R. C.:** Essa imagem que Michel Certeau constrói é magnífica. Ele também diz que a escrita é um terreno marcado por estratégias, é um terreno que nós construímos, e diz que a leitura é uma viagem, é um nomadismo, é um terreno do outro, um terreno do qual nos apropriamos.

*N.: No livro Práticas da Leitura, há um debate entre você e o autor Pierre Bourdieu. E Bourdieu, dentre outras coisas, diz que mais importante que saber o que as pessoas estão lendo é saber sobre a maneira como elas lêem. Você concorda?*

**R. C.:** Sim, cada pessoa interpreta e reinterpreta um texto de maneiras muito distintas. O fundamental é o modo como cada um de nós absorve o que leu. É isso o que define os mais diferentes tipos de leitores. São apropriações completamente di-

versas, que variam de pessoa para pessoa, de país para país, de cultura para cultura.

*N.: No seu livro Cultura Escrita, Literatura e História, você cita o escritor argentino Jorge Luís Borges: “Qué son las palabras acostadas em um libro? Qué es um libro si no lo abrimos? Es simplemente un cubo de papel y cuero, con hojas; pero si lo leemos ocurre algo raro, creo que cambia cada vez. Heráclito dijo (lo he repetido dos demasiadas veces) que nadie baja dos veces al mismo río. Nadie baja dos veces al mismo río porque las aguas cambian, pero lo más terrible es que nosotros no somos menos fluidos que el río. Cada vez que leemos un libro, el libro ha cambiado, la conotación de las palabras es otra.” Para onde nos puxam as correntezas de um belo livro?*

**R. C.:** Os livros nos puxam de várias maneiras, dependendo do lugar, do momento, do tipo de leitura que se oferece, e do próprio leitor. Há os textos clássicos, por exemplo, que são sempre os mesmos, mas que atravessam as gerações e são lidos e analisados sempre de maneiras diferentes. Nesse sentido, existe uma escala coletiva e histórica. Afinal, o texto permanece o mesmo, mas as pessoas e o mundo estão mudando sem parar. Então, de certo modo, o texto também muda. Além disso, existe a escala individual. Nessa escala, como leitores, descobrimos e produzimos sentidos diferentes para cada texto, ao longo dos anos, de acordo com as diversas circunstâncias da nossa vida.

*N.: Todo mundo pergunta a você sobre o futuro do livro. Só para subverter um pouco, qual é o grande presente do livro?*

**R. C.:** A leitura de textos no computador ainda não está bem adequada, porque essa leitura exige que tenhamos uma grande familiaridade com a obra. Não há um público de leitores que se interesse por obras eletrônicas de ensaio e ficção, mas existe um bom público que busca informações em enciclopédias eletrônicas, por exemplo. Além do mais, alguém já disse que se tivesse sido inventado depois do computador, e depois do e-book, o livro tradicional seria apontado como um grande progresso. Concordo totalmente. O livro é um objeto perfeito, em termos de comodidade. Ele facilita a percepção da leitura, em todos os aspectos.

*N.: Será que o grande presente do livro é o leitor?*

**R. C.:** Quem será o presente de quem? Será que é o leitor quem ganha o livro, ou será o livro quem ganha o leitor? Bem, como já disse Borges, quem dá vida ao livro é o leitor. Então, para o livro, de fato, não existe presente ideal.

O ilustrador e escritor André Neves esteve em Sàrmede, na Itália, em 2002, e, a partir de suas vivências e experiências, enviou-nos este interessante relato. André Neves, como tantos outros ilustradores brasileiros, foi mostrar fora do Brasil seu engenho e arte.

# UM MUNDO PARA A FANTASIA

## Entre Sàrmede e a Imagem

André Neves<sup>1</sup>

**G**atos delicados, gatos malhados, gatos quadriculados, gatos listrados, gatos corajosos e medrosos, gatos embriagados, gatos mimados, gatos gordos e magros, gatos pescadores, gatos atletas, gatos empresários, gatos alados, gatos monstros, gatos imperadores, gatos monarcas, gatos reis, até mesmo gatos canibais. Definitivamente só gatos...

Este ano o curso para ilustradores oferecido em Sàrmede, província de Treviso na Itália, recebeu um número considerável de gatos que, pela imaginação de seus alunos criadores transformaram aquela pequena localidade num verdadeiro mundo das fábulas.

Todos os anos é assim, as representações de um personagem invadem as salas de aulas, penduram-se nas paredes e espalham-se pelo chão. Em 2002 o gato predominou, em 2001 foi Pinóquio quem contou suas aventuras por lá e em 2003 provavelmente um ser fantástico surgirá na imaginação de vários ilustradores, para ser representado nas mais diversas técnicas e estilos.

O primeiro evento foi idealizado por Stepan Zavrel, ilustrador italiano que na década de 60 chegou a cidade para transformá-la num refúgio do imaginário infantil. Bem antes de sua morte, em 1999, o artista fundou a "Mostra Internazionale d'Illustrazione per l'Infanzia", juntamente com um curso visando à solidificação de uma cultura voltada para a imagem do livro para crianças.

Embora acontecendo em períodos diferentes, parece que deu certo. Tanto a Mostra que acontece no mês de outubro quanto o Curso em junho possuem um reconhecimento a cada dia mais crescente.

Hoje, Sàrmede recebe um público que aprecia, acredita, compra e colabora com o desenvolvimento da ilustração infantil como arte. É comum serem encontrados pelas ruas da

cidade enormes afrescos que valorizam a região, pintados inicialmente por Zavrel e atualmente difundidos por outros ilustradores. Dificilmente não haverá, na parede de cada casa, uma ilustração cuidadosamente emoldurada, e não há quem que duvide da potencialidade da ilustração infantil. A Mostra ainda percorre vários continentes, levando a participação de artistas iranianos, ucranianos, chineses, russos, brasileiros, etc., possibilitando conhecer não só a ilustração européia, como também uma mesclagem dessa forma de expressão no mundo.

A Mostra é aberta a qualquer pessoa ou profissional que admire este universo. Mas o Curso só tem espaço reservado para os que desejam criar. Não uma criatividade linear, mas a que supera a criação dando asas à imaginação, para atingir um mercado editorial infantil que privilegie a qualidade.

A maioria dos alunos são italianos que, na primeira oportunidade, vivenciam um encantamento profundo, propiciando o retorno ano após ano. No calendário das atividades, a troca de experiência entre grandes profissionais e aqueles que trilharam seus pincéis pela contemporaneidade é o que acontece de melhor. Os vários cursistas se dividem em um mesmo espaço, mostrando uns aos outros suas habilidades, que só serão avaliadas profissionalmente ao final de cada módulo. Todos ainda contam com o ensino e comentários críticos de ilustradores altamente conceituados no mundo como József Wilkon (Polônia), Linda Wolfsgruber (Alemanha), Maurizio Olivetto (Itália), Jindra Capek (República Checa), entre outros.

A presença de artistas estrangeiros em qualquer um dos eventos traz comentários e curiosidades. Principalmente no caso do Brasil, que tem sua particularidade no que diz respeito à arte da ilustração infantil, devido ao esforço de alguns ilustradores que

buscam a originalidade proveniente das nossas raízes culturais, estabelecendo lá fora uma ilustração propriamente vista como brasileira. Mas isso vem sendo conquistado a passos curtos, porque apesar da grande quantidade de livros que se publica no nosso país ainda há dificuldades para elaborar bons projetos.

No Brasil, a falta de reconhecimento prejudica o desenvolvimento dessa arte. Mas o que fazer? São poucos os movimentos que divulgam, socializam, e discutem a prática da ilustração. Muitos já perceberam seu valor, mas são poucos os que acreditam que a ilustração infantil converte a realidade da leitura em fantasia. Que através dela, aos pouquinhos, os pequenos leitores vão conseguindo concentrar-se definitivamente na fantasia real das palavras contidas nos livros com maior volume de texto. Além dessa questão, ainda temos as produções problemáticas. Caminhos que muitas editoras insistem em percorrer, sem perceber os riscos de uma economia vista por muitos como contraproducente, provocando assim, o distanciamento de mudanças definitivas no pensamento pedagógico.

Talvez ainda falte muito para tornarmos a ilustração brasileira realmente significativa dentro do nosso país, mas é preciso continuar insistindo, exigindo que a qualidade supere a quantidade. Que um bom texto possa chegar às mãos dos leitores junto com um projeto gráfico criativo e uma produção bem cuidada, que valorize o desenho, contribuindo para que a história da ilustração infantil brasileira possa ter o mesmo envolvimento e encantamento que é encontrado em outros países.

<sup>1</sup> Ilustrador e escritor de livros para crianças e jovens.

## Roger Mello



Na 1ª foto, Roger Mello e Marie-Jeanne Luyet, criadora da FEE, e o Sr. Michel Berner, presidente da FEE, que apresentou a cerimônia de premiação. Na 2ª foto, o escritor Katsumi Komagata, que recebeu o Prêmio “Livre que chaque enfant devrait pouvoir offrir à ses parents”, ao lado de Roger Mello, exibindo os livros premiados. Na 3ª foto, os dois autores apresentam os “cheques simbólicos”, relativos aos prêmios que receberam.

*Meninos do mangue*, de Roger Mello, editado pela Cia. das Letrinhas, foi o vencedor do Prix International du Livre Espace Enfants/2002, no valor de 10'000 frs! Conversamos com o autor sobre esta premiação, e trazemos esta entrevista para os leitores do *Notícias*.

**Notícias:** Roger, no Brasil *Meninos do mangue* foi o vencedor, em 2002, do Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, nas categorias texto e ilustração de Livro Infantil. Neste mesmo ano recebeu, como “Hors Concours”, o Prêmio Ofélia Fontes – “O melhor para a criança”, e Prêmio Melhor Ilustração, ambos da FNLIJ. E agora, este livro acaba de receber um prêmio internacional, oferecido pela Fondation Espace-Enfants, com sede em Genebra, na Suíça. Você poderia falar sobre esta fundação para os leitores do *Notícias*?

**Roger Mello:** A Fondation Espace-Enfants foi fundada em 1986, em Genebra, por um grupo de antigos alunos de Jean Piaget, tendo como objetivo criar uma comunicação, uma ponte entre os adultos e as crianças. Um livro “Espace Enfants” é aquele que leva em conta o desenvolvimento psicológico das crianças, que procura se dirigir a elas numa linguagem e com um contexto que elas sejam capazes de entender. É essencial, também, que este contexto lhes seja útil, que lhes permita colocar questões, procurar respostas, refletir, avançar...

**N.:** Como o júri ficou conhecendo *Meninos do mangue*? E qual foi a avaliação do livro feita por eles?

**R.M.:** O livro foi apresentado por Regina Yolanda, ilustradora e psicopedagoga brasileira, que faz parte do júri do Prix International du Livre Espace Enfants. O júri deu ao livro a primeira colocação, por unanimidade. Em *Meninos do mangue*, como em meus outros livros, tento falar das grandes questões humanas, pois vejo o livro infantil como um veículo de interação entre adultos e crianças, compartilhando, assim, dos objetivos da FEE – Fondation Espace-Enfants. Além disso, considero importante não “julgar” os personagens, nem enquadrá-los pelo viés “folclórico”, ou como trauma social...



Este texto, que foi distribuído em unfolder, mostra como ele foi avaliado:

“É um livro original, tanto pela imagem quanto pelo texto. Diferentemente de numerosas histórias que falam apenas dos sofrimentos e das vidas sem esperança para as crianças das favelas, aqui se trata absolutamente de um outro tom de felicidade, de vida, de cores, de alegria

No interior de uma história, pequenas narrações, em ritmo rápido, exprimem as reflexões filosóficas de cada um dos personagens.

As histórias valorizam outra coisa além da riqueza e do êxito: existem na vida outros valores. Nós aprendemos aqui a respeitar as diferenças.

As ilustrações dão cores e poesia à vida dessas favelas.” (Publicação da FEE – Prix du livre Espace Enfants/2002, em francês, com versão para o português.)

**N.:** Conte para os nossos leitores sobre a cerimônia de premiação, na Suíça.

**R.M.:** Eu estive em Saint-Pierre de Clages, sede da fundação, que é uma pequena cidade, ao pé dos Alpes, onde existem diversas livrarias. A cerimônia é realizada numa praça pública. Participaram deste evento pessoas de diversos países, os ex-alunos de Piaget, membros do júri, etc., como mostram as fotos. Os leitores também podem conhecer melhor a FEE no site: [www.espace-enfants.org](http://www.espace-enfants.org)

**N.:** Entre os membros do júri está a nossa querida e premiada ilustradora Regina Yolanda, votante e membro do Conselho Consultivo da FNLIJ. O que isto representa para você e para os outros ilustradores e para os escritores brasileiros?

**R.M.:** Regina é uma pessoa muito querida e hiper respeitada na FEE, não só como ilustradora, como também como psicopedagoga. Ela é tratada com reverência e com muito carinho, pois acredita que é possível melhorar o mundo através dos livros para crianças. Esta é também nossa utopia, de todos que trabalham com LIJ: reconhecer a possibilidade do Humano nas diferenças.

**N.:** Você tem participado de exposições e feiras nacionais e internacionais de livros de literatura para crianças e jovens. Fale um pouco sobre o significado destas mostras e o que elas representam dentro do mercado editorial brasileiro e estrangeiro.

**R. M.:** Já participei de diversas exposições internacionais de literatura: Catalunha; Roma; Frankfurt; Salão do Livro de Paris; Montreuil; Bolonha e Gotemburgo – Brazil, a Bright Blend of Colors (iniciativa da FNLIJ); Brooklyn Public Library - EUA, 1999; Le Immagini Della Fantasia - Sarmede, Itália, 1999; 2000; 2001. I Colori del Sacro - Padova, Itália; 2002. Nestes eventos, os artistas brasileiros são muito respeitados e eles oferecem uma boa visibilidade para o potencial variado de criação que existe em nosso país. Temos aqui artistas de primeira linha e o livro brasileiro já compete no mercado externo apresentando produtos de boa qualidade gráfica. Considero muito importante, também, que ilustradores e escritores brasileiros participem dessas mostras e exposições, para terem a oportunidade de conhecer o panorama mundial da literatura para crianças e jovens.

**N.:** Roger, além dos prêmios já citados, cite outros que você já recebeu como ilustrador e também como escritor.

**R. M.:** Pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil recebi o Prêmio Malba Tahan (1992); o Prêmio Luís Jardim (1994); 3 Prêmios Ofélia Fontes; 3 Prêmios A Melhor Ilustração (1994, 1995, 1996): Hors Concours Prêmio Ilustração (1997, 1998, 2002); 22 laúreas “Altamente Recomendável”. Pela União Brasileira dos Escritores, o Prêmio Especial Adolfo Aizen e o Prêmio pelo conjunto da obra.

Pela Câmara Brasileira do Livro, 5 vezes o Prêmio Jabuti (1993, 1997, 1999, 2002); Biblioteca Nacional: Prêmio Monteiro Lobato (1996), entre outros.

E os Prêmios internacionais: Biblioteca Internacional de Munique: 4 selos White Ravens; Lista de Honra do IBBY, por indicação da FNLIJ, em 1998. E agora, o Prêmio Internacional Fondation Espace Enfants – Melhor Livro Infantil 2002, para o livro *Meninos do Mangue*.

**N.:** Como você avalia o papel da FNLIJ na promoção da leitura e na divulgação da literatura para crianças e jovens, dentro e fora de nosso país?

**R. M.:** É um papel fundamental, pois ela analisa uma produção enorme de títulos, a partir de critérios minuciosos. A FNLIJ faz um verdadeiro estudo comparativo dos livros editados a cada ano no país, levando em conta a importância da narrativa visual, na qual imagem e texto dialogam. Mas também se atém às narrativas exclusivamente verbais, ou exclusivamente imagéticas. Enfim, ela analisa todo o panorama da literatura brasileira para crianças e jovens. O papel da FNLIJ também é essencial na divulgação do trabalho de escritores e ilustradores nas feiras e eventos internacionais de LIJ, possibilitando que cada vez mais nosso trabalho seja conhecido e reconhecido.

## *Catálogo da FNLIJ para a Feira de Bolonha/2003 homenageia ilustradores brasileiros*

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil estará mais uma vez apresentando a literatura brasileira para crianças e jovens no maior evento mundial dedicado à LIJ, a Feira de Livros para Crianças de Bolonha, que será realizada de 2 a 5 de abril, mostrando o melhor da produção editorial voltada para este público leitor, além das últimas novidades em multimídia.

O catálogo da FNLIJ para a 40ª Feira de Bolonha traz 144 livros de literatura para crianças e jovens, selecionados a partir da produção editorial de 2002. Entre os títulos que compõem o Catálogo, foi incluído *A casinha azul*, da argentina Sandra Comino, livro vencedor do Prêmio Ibero-

americano *Para Leer el XXI – 2001* – organizado pelas seções brasileira, cubana e canadense do IBBY – traduzido por Laura Sandroni (ver resenha neste *Notícias*).

Os parceiros da FNLIJ na edição deste Catálogo, que marca a presença do Brasil em Bolonha pelo 29º ano consecutivo, foram a Editora Global, a Mergulhar Serviços Editoriais (uma empresa do grupo R. R. Donneley - América Latina) e a Companhia Suzano de Papel e Celulose.

Os ilustradores brasileiros recebem uma homenagem especial. São eles:

Ana Raquel, Angela Lago, Ciça Fittipaldi, Claudia Scatamacchia, Claudio Martins, Demóstenes Vargas, Eliardo França, Elisabeth Teixeira, Eva Furnari, Gerson

Conforti, Gian Calvi, Graça Lima, Helena Alexandrino, Humberto Guimarães, Ivan Zigg, Jô Oliveira, Marcelo Xavier, Mariana Massarani, Marilda Castanha, Michele Iacocca, Nelson Cruz, Regina Yolanda, Ricardo Azevedo, Roger Mello, Rogério Borges, Rubens Matuck, Rui de Oliveira, e Zé Flávio Teixeira.

O ilustrador Nelson Cruz, indicado em 2002 para o Prêmio Hans Christian Andersen, do IBBY, também recebeu destaque. O Catálogo traz parte de uma entrevista com ele, feita pelo jornalista Márcio Vassallo para o *Notícias do Salão*, no 4º Salão do Livro para Crianças e Jovens.

Aguardem mais notícias da Feira de Bolonha no próximo *Notícias!*

# Notícias Acontece

## Conheça os finalistas do Prêmio Jabuti/2002, da Câmara Brasileira do Livro (CBL), nas categorias “Infantil e Juvenil” e “Ilustração Infantil ou Juvenil”

### Categoria 4 INFANTIL E JUVENIL

- Aguemon*, de Carolina Cunha (Martins Fontes)  
*Aquele estranho colega, o meu pai*, de Moacyr Scliar (Atual)  
*A banguelinha*, de Angela Lago (Moderna)  
*Bichos que existem & Bichos que não existem*, de Arthur Nestrovski (Cosac & Naify)  
*Cadê vovó?*, de Mauro César Silva Viana (Nova Didática)  
*Ifá, o adivinho*, de Reginaldo Prandi (Cia. das Letrinhas)  
*Mãos de vento e olhos de dentro*, de Lô Galasso (Scipione)  
*A menina que se apaixonava*, de Marta Góes (Cia. das Letrinhas)  
*No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*, de Ricardo Azevedo (Ática)  
*Sebastiana e Severina*, de André Neves (DCL)  
*Sete histórias para sacudir o esqueleto*, de Angela Lago (Cia. das Letrinhas)

### Categoria 16 ILUSTRAÇÃO INFANTIL OU JUVENIL

- O cabeça de elefante e outras histórias da mitologia indiana*, il. de Zé Tatit (Cosac & Naify)  
*Chapeuzinho Vermelho e outros contos por imagem*, il. de Rui de Oliveira (Cia. das Letras)  
*Como as histórias se espalharam pelo mundo*, il. de Graça Lima (DCL)  
*Conto de escola*, il. de Nelson Cruz (Cosac & Naify)  
*Dia de chuva*, il. de Nelson Cruz (Salamandra)  
*O dono da verdade*, il. de Mariana Massarani (Manati)  
*Histórias de lavar a alma*, il. de Ana Raquel (DCL)  
*Ifá, o adivinho*, il. Pedro Rafael (Cia. das Letras)  
*O mundo de cabeça para baixo*, il. de Andrés Sandoval (Cosac & Naify)  
*Sebastiana e Severina*, il. de André Neves (DCL)  
*Sete histórias para sacudir o esqueleto*, il. de Angela Lago (Cia. das Letras)  
*Vizinho, Vizinha*, il. de Graça Lima e Mariana Massarani (Cia. das Letras)

## Pippi in Rio – Mostra homenageia a escritora Astrid Lindgren, vencedora do Prêmio Andersen, do IBBY

A escritora sueca Astrid Lindgren, vencedora do Prêmio Andersen em 1958, foi homenageada pelo Instituto Cultural Brasil-Suécia, com uma mostra sobre sua personagem, Pippi Meialonga. A mostra aconteceu de 23 de janeiro a 28 de fevereiro, no Centro Cultural Justiça Federal.

Astrid Lindgren, autora de livros infantis, faleceu em janeiro de 2002. Era muito conhecida na Suécia por suas lutas em diversas áreas, como o bem-estar dos animais e a política tributária. O livro *Pippi Meialonga* foi publicado pela primeira vez em 1946. A personagem “é uma menina de nove anos, cabelos vermelhos como fogo, presos em duas tranças apertadas, sempre vestindo meias compridas, uma preta e uma marrom e calçando

sapatos maiores que seus pés. Órfã de pai e mãe, mora com um cavalo e um macaco. Com uma força descomunal para a sua idade e um baú cheio de moedas herdado de seu pai, o pirata Efraim Meialonga, Pippi tem o poder”, explica sua criadora.

As aventuras de Pippi Meialonga já foram traduzidas em mais de 70 idiomas. Astrid Lindgren recebeu, pelo conjunto de sua obra, a medalha Hans Christian Andersen, do IBBY, o maior prêmio de literatura infantil no mundo.

Na exposição *Pippi in Rio*, esta personagem, representada pela modelo infantil Anuk van der Zee, aparece em diversos cenários cariocas, nas fotos de Magnus Vaena, fotógrafo sueco que vive no Rio.



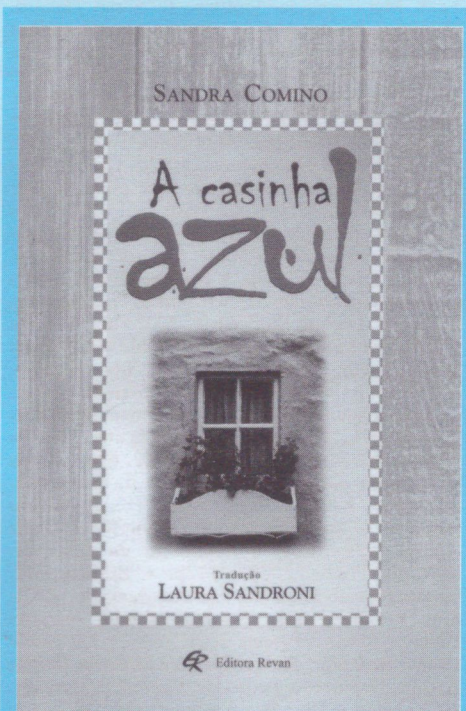
# I PRÊMIO IBERO-AMERICANO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL:

## *La casita azul, de Sandra Comino.*

*La casita azul*, da escritora argentina Sandra Comino, recebeu o Prêmio Ibero-americano *Para leer el XXI*, em sua primeira edição (2001). A obra foi editada em espanhol, pelo Editorial Gente Nueva, de Cuba, e em inglês, pela Groundwood Books, do Canadá. O prêmio foi concedido pelas representações cubana, brasileira e canadense do IBBY. No Brasil, com o título de *A casinha azul*, o livro foi editado pela Revan, com tradução de Laura Sandroni.

Neste romance para jovens, a autora recria um cenário ao mesmo tempo mágico e realista. As lendas sobre uma casa fantástica, cercada de mistério – cujas paredes, já gastas pelo tempo e pelo abandono, ficavam totalmente azuis apenas em uma determinada noite do ano – se entrelaçam com o universo cotidiano dos moradores do povoado de Azul, com seus problemas, sofrimentos, medos e sua esperança de dias melhores. Interligando esses dois universos – o imaginário e a dura realidade – dois jovens, Cíntia e Bruno, vivem as emoções do primeiro amor. A vida de ambos está intimamente ligada ao mistério que cerca a casa, até a surpreendente revelação final.

“*A casinha azul* traz uma história de perseguições, de raça dispersa, despotismo, tristezas e por que não? de amores impossíveis ou de difícil realização”, comenta a escritora Nilma Gonçalves



O livro *A casinha azul*, de Sandra Comino, que recebeu o I Prêmio Ibero-Americano *Para leer el XXI*, em sua primeira edição (2001), publicado no Brasil pela editora Revan, foi lançado durante o 4º Salão do Livro para Crianças e Jovens, da FNLIJ, em 2002.

Lacerda, na apresentação do livro.

Estes amores representam um elo entre um passado de medo, de dominação e de opressão e os sonhos de um presente e de um futuro em que não existirão mais as perseguições étnicas e os preconceitos, em que o respeito aos direitos humanos já não será mera utopia.

O enredo traz outros personagens – Joaquim, filho de espanhóis, e Aílin, uma jovem nativa – e é por meio deles que a autora reconta uma parte dolorosa da história da América Latina: aldeias massacradas pelos ambiciosos homens brancos, famílias dispersas, exploração e sofrimento. Em livros, cartas, cadernos de poesias e de receitas, Joaquim e Aílin deixaram registrados seus amores impossíveis. Esse legado vai alimentar novos amores, ao longo de diferentes gerações: Pina e Simón, Cíntia e Bruno...

O amor que une Cíntia e Pina, sua avó, ajudando-as a superar o medo, o silêncio, a solidão, mostra a importância dos elos culturais e afetivos entre os adultos e os jovens... E a revelação do mistério da casa azul vai uni-las ainda mais...

Sandra Comino nos traz mensagens de romantismo, de idealismo e de esperança, que fazem deste livro uma leitura recomendável para todas as idades. (Magda Frediani)

## II PRÊMIO IBERO-AMERICANO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

As seções cubana, brasileira e canadense do IBBY e a Cátedra Ibero-americana Mirta Aguirre anunciam o II Prêmio Ibero-Americano “Para ler o XXI”, que será regido pelo seguinte regulamento:

### CONDIÇÕES

Podem participar os autores ibero-americanos e falantes da língua espanhola da América do Norte, sejam ou não membros do IBBY, com uma novela para o leitor jovem, inédita, escrita em espanhol ou português, segundo a língua materna do autor, com um mínimo de 100 e máximo de 250 páginas, tamanho carta e que não tenha compromissos de publicação.

Enviar 03 cópias identificadas com o pseudônimo do autor. E um envelope separado com os dados (endereço, telefone, e-mail e pseudônimo) do candidato.

### PRÊMIO

Haverá um prêmio único e indivisível, de três mil dólares (\$ 3.000.00 USD) e a publicação da obra em espanhol, português e inglês, pelas editoras *Gente Nueva*, de Cuba; *Revan*, do Brasil; e *Groundwood Books / Libros Tigrillo*, do Canadá, além de um convite, com as despesas pagas, para o Congresso *Lectura 2005*: “Para Ler o XXI”.

O resultado do Prêmio será divulgado no Congresso *Lectura 2003*: “Para Ler o XXI”, que se realizará na Cidade de Havana, Cuba, de 28 de outubro a 1 de novembro de 2003. As obras devem ser enviadas, antes de 30 de março de 2003, para: Comité Cubano del IBBY – Premio Iberoamericano “Para Leer el XXI” – Calle 15 n. 602 esquina C, Vedado, La Habana, Cuba. Para mais informações, ver a *home page* da FNLIJ: [www.fnlij.org.br](http://www.fnlij.org.br)

## Participe do Leitura 2003 – Para ler o XXI !

Havana, Cuba, de 28 de outubro a 1 de novembro de 2003

“Para as crianças trabalhamos, porque as crianças são as que sabem o que querem, porque as crianças são a esperança do mundo.”  
(José Martí)

A leitura como ato reflexivo e emocional e como comunicação, que engloba as múltiplas relações do ser humano com o Universo: este é o tema do Congresso *Leitura 2003 – Para ler o XXI*, promovido pelo Comitê Cubano do IBBY e a Cátedra Ibero-americana Mirta Aguirre, em parceria com a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, a Associação do Livro Infantil e Juvenil da Argentina – ALIJA, o IBBY do Canadá e a Fundlectura da Colômbia (seções brasileira, argentina, canadense e colombiana do IBBY, respectivamente).





*pérolas*. Graziela Bozano Hetzel. Il. Andréia Resende. 2002. 34p. • **O dono da verdade**. Bia Hetzel. Il. Mariana Massarani. 2002. 45p. • **Uma alegria selvagem: a vida de Santos Dumont**. Bia Hetzel. Il. Graça Lima. 2002. 160p. • **MELHORAMENTOS Almanaque de adivinhas**. Walkiria De Felice. Il. Renato Arlen & Paulo Tavares. 2002. 48p. • **Astecas: vida cotidiana**. John D. Clare. Trad. Neusa Maria Valério. 2002. 32p. Civilizações antigas. • **Atlas Geográfico Melhoramentos**. Maria da Anunciação Rodrigues (coord.). 2002. 112p. • **Costas que toda garota deve saber sobre garotos**. Kara May. Trad. Regina Drummond. Il. Martin Brown; Kako. 2002. 80p. • **Coisas que todo garoto deve saber sobre garotas**. Peter Corey. Trad. Regina Drummond. Il. Martin Brown; Kako. 2002. 75p. • **Digestão nojenta**. Nick Arnold. Trad. Maria Silvia Mourão Neto. Il. Tony De Saulles. 2002. 156p. Saber horrível. • **Drácula em apuros**. Ann Jungman. Trad. Neusa Maria Valério. Il. Doffy Weir. 2002. 64p. • **Egípcios: vida cotidiana**. John Guy. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. 2002. 32p. Civilizações antigas. • **Eletricidade chocante**. Nick Arnold. Trad. Maria Silvia Mourão Neto. Il. Tony De Saulles. 2002. 160p. Saber horrível. • **Enigmas de Backer Street: Charadas de Sherlock Holmes, 1**. Tom Bullimore. Trad. Patrícia Carvalho Cavalcanti Lacerda. Il. Ilan Anderson. 2002. 80p. • **Enigmas de Backer Street: Charadas de Sherlock Holmes, 2**. Tom Bullimore. Trad. Patrícia Carvalho Cavalcanti Lacerda. Il. Ilan Anderson. 2002. 80p. • **Enigmas de Backer Street: Charadas de Sherlock Holmes, 3**. Tom Bullimore. Trad. Patrícia Carvalho Cavalcanti Lacerda. Il. Ilan Anderson. 2002. 79p. • **Gregos: vida cotidiana**. John Guy. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. 2002. 32p. Civilizações antigas. • **Manual de Futebol: dicas do Pelé**. Massimo Carboni e Massimo Marconi. Disney Enterprises, Inc. 2002. 120p. • **Morrendo de rir com Tia Magi**. Terence Blacker. Trad. Patrícia Lacerda. Il. Tony Ross. 2002. 58p. • **O livro perdido dos Bruxos: novos feitiços e poções para aprendizes de feitiçeiro**. Janice Eaton Kilby; Deborah Morgenthal e Terry Taylor. Trad. Frank de Oliveira. Il. Lindy Burnett. 2002. 72p. • **O livro dos primeiros socorros do Menino Maluquinho**. Ziraldo. Or. Dr. Tzvi Bacaltchuck. Il. Mig. 2002. 59p. • **O sonho de Natal**. Patrícia Engel Secco. Il. Arnaldo Ricci. 2001. 16p. • **Rio acima mar abaixo**. Rogério Andrade Barbosa. Il. Nelson Cruz. 2002. 23p. • **Rios arrasadores**. Anita Ganeri. Trad. Maria Silvia Mourão Neto. Il. Mike Phillips. 2002. 158p. Saber horrível. • **Romanos: vida cotidiana**. John Guy. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. 2002. 32p. Civilizações antigas. • **Tia Magi ensina o abracadabra**. Terence Blacker. Trad. Patrícia Lacerda. Il. Tony Ross. 2002. 60p. • **MERCADO ABERTO A outra história de Rapunzel**. Paula Mastroberti. Il. da autora. 2002. 64p. • **MERCURYO JOVEM A**

**lenda do belo Pecopin e da bela Bauldour**. Victor Hugo. Adap. Lígia Cademartori. Trad. Joana Canêdo. Il. Rui de Oliveira. 2002. 87p. • **Lampião no céu**. Eliana Carneiro. Il. da autora. 2002. 47p. • **MODERNA A amizade abana o rabo**. Marina Colasanti. Il. da autora. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **A caixa maluca**. Flávia Muniz. Il. Michele Iacocca. 2002. 31p. Coleção Girassol. 3ed. • **A casinha do Tatu**. Elza Sallut. Il. Ricardo Giroto. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **A estrela do viaduto**. Laís Carr Ribeiro. Il. Ana Raquel. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **A semente do Nicolau: um conto de Natal**. Chico Alencar. Il. Cláudia Scatamacchia. 2002. 40p. Coleção Viramundo. reed. • **A viagem de um barquinho**. Sylvia Orthof. Il. Eduardo Albini. 2002. 47p. Coleção Girassol. reed. • **A vida dos dinossauros**. Rosicler Martins Rodrigues. Il. Hector Gomez, Roko. 2002. 48p. Coleção Viramundo. reed. • **Adivinhe se puder**. Eva Furnari. Il. da autora. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **Amarelinho**. Ganymedes José. Il. Victor Tavares. 2002. 55p. Coleção Girassol. reed. • **Ana levada da breca**. Maria de Lourdes Krieger. Il. Orlando. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **As pernas curtas da mentira**. Moacyr Scliar. Il. Rogério Borges. 2002. 63p. Está na minha Mão. reed. • **Aventuras de uma gota d'água**. Samuel Murgel Branco. Il. Atílio. 2002. 48p. Coleção Viramundo. reed. • **Bicho que te quero livre**. Elias José. Il. Ana Raquel. 2002. 47p. Coleção Girassol. reed. • **Caetano Veloso**. Mabel Velloso. 2002. 31p. Coleção Mestres da Música no Brasil. reed. • **Carolina e o vento**. Samuel Murgel Branco. Il. Cláudia Ramos. 2002. 32p. Coleção Viramundo. reed. • **Chico Buarque**. Angela Bragat Torres. 2002. 31p. Coleção Mestres da Música no Brasil. reed. • **Dois histórias muito engraçadas**. Joel Rufino dos Santos. Il. Daniel Kondo. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **E a vida continua... A reprodução dos animais e das plantas**. Rosicler Martins Rodrigues. Il. Edmilson Cotrim. 2002. 48p. Coleção Viramundo. 2ed. • **Era uma vez uma bruxa**. Lia Zatz. Il. Rogério Borges. 2002. 47p. Coleção Girassol. reed. • **Falando pelos cotovelos**. Lúcia Pimentel Góes. Il. Negreiros. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **Felicidade não tem cor**. Júlio Emílio Braz. Il. Odilon Moraes. 2002. 62p. Coleção Girassol. reed. • **Fix o que puder**. Lucília Junqueira de Almeida Prado. Il. Maria Eugênia. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **Florinha e a fotossíntese**. Samuel Murgel Branco. Il. Cecília Iwashita. 2002. 32p. Coleção Viramundo. reed. • **Fugindo de casa**. Suzana Dias-Beck. Il. Fê. 2002. 95p. Coleção Girassol. reed. • **Gilberto Gil**. Mabel Velloso. 2002. 31p. Coleção Mestres da Música no Brasil. • **Índio vivo**. Julieta de Godoy Ladeira. Il. Dave Santana. 2002. 72p. Coleção Girassol. reed. • **Juca Jabuti, Dona Leôncia e a Superonça**.

Orígenes Lessa. Il. Carlos Edgard Herrero. 2002. 111p. Coleção Girassol. reed. • **Liberdade para todos**. Thales Guaracy. Il. Avelino Guedes. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **Mais respeito, eu sou criança**. Pedro Bandeira. Il. Odilon Moraes. 2002. 79p. Coleção Girassol. reed. • **Namorinho de portão**. Elias José. Il. Avelino Guedes. 2002. 47p. Coleção Girassol. reed. • **Não confunda**. Eva Furnari. Il. da autora. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **Natureza e seres vivos**. Samuel Murgel Branco. Il. Cecília Iwashita. 2002. 47p. Coleção Viramundo. reed. • **Numa véspera de Natal**. Júlio Emílio Braz. Il. Rubem Filho. 2002. 47p. Coleção Girassol. reed. • **O grande rabanete**. Tatiana Belinky. Il. Claudius. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **O menino e o pinto do menino**. Wander Piroli. Il. Maria Eugênia. 2002. 47p. Coleção Girassol. reed. • **O segredo da amizade**. Wagner Costa. Il. Marilda Castanha. 2002. 47p. Coleção Girassol. reed. • **O segredo: mas jura que não conta pra ninguém?**. Christiane Gribel. Il. Orlando. 2002. 79p. Está na minha mão! Viver Valores. • **Os rios morrem de sede**. Wander Piroli. Il. Rogério Borges. 2002. 47p. Coleção Girassol. reed. • **Papai Noel esteve aqui**. Laís Carr Ribeiro. Il. Rogério Borges. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **Passarinhos e gaviões: uma fábula da democracia**. Chico Alencar. Il. Fê. 2002. 40p. Coleção Viramundo. reed. • **Passeio por dentro da terra**. Samuel Murgel Branco. Il. Ivan Coutinho. 2002. 48p. Coleção Viramundo. reed. • **Pequeno pode tudo**. Pedro Bandeira. Il. Roger Mello. 2002. 47p. Coleção Girassol. reed. • **Pixinguinha**. André Diniz, Juliana Lins. 2002. 31p. Coleção Mestres da Música no Brasil. • **Por enquanto eu sou pequeno**. Pedro Bandeira. Il. Atílio. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **Quase tudo na arca de Noé**. Leo Cunha. Il. Nelson Cruz. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **Rosaflor e a Moura Torta**. Pedro Bandeira. Il. Avelino Guedes. 2002. 55p. Coleção Girassol. reed. • **Saladinha de queixa**. Tatiana Belinky. Il. Carlos Edgard Herrero. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **Se essa rua fosse minha**. Eduardo Amos. Il. Maria Eugênia. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **Segredinhos de amor**. Elias José. Il. May Shuravel. 2002. 47p. Coleção Girassol. reed. • **Sopa de letrinhas**. Teresa Noronha. Il. Orlando. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **Três gotas de poesia**. Angela Leite de Sousa. Il. Lucia Hiratsuka. 2002. 31p. Coleção Girassol. reed. • **Uivando pra lua**. Giselda Laporta Nicoletis. Il. Orlando. 2002. 79p. Coleção Girassol. reed. • **Um dono para Buscapé**. Giselda Laporta Nicoletis. Il. Elisabeth Teixeira. 2002. 95p. Coleção Girassol. reed. • **Uma palavra só**. Angela Lago. Il. da autora. 2002. 45p. Coleção Girassol. reed. • **Viagem ao mundo dos micróbios**. Samuel Murgel Branco. Il. Carlos Edgard Herrero. 2002. 48p. Coleção Viramundo. reed.

continua no próximo número de Notícias

## MANTENEDORES DA FNLIJ


Abrelivros, Abrigraf, Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Barsa Planeta Internacional Ltda., Berlendis & Vertecchia, Brinque-Book, Callis, CBL, Cia. das Letrinhas, Cosac & Naify, DCL, Dimensão, Ediouro, Editora Bertrand Brasil, Editorado Brasil, Editora Globo, Editora Leitura, Editora 34, Editorial Mercury Jovem, Exped, Forense, Formato, FTD, Global, IBEP - Companhia Editora Nacional, João Carlos Serra, Jorge Zahar Editores, José Olympio, Lê, Lucerna, L&PM Editores, Manati, Marcos da Veiga Pereira, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nova Fronteira, Objetiva, Paulinas, Paulus, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, Revan, RHJ, Rocco, R. R. Donnelley, Salamandra, Saraiva, Scipione, Siciliano, SNEL, Stúdio Nobel, Thex Editora.

**EXPEDIENTE** • Fotelito e Impressão: PricewaterhouseCoopers • Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Magda Frediani • Revisão: Magda Frediani • Diagramação: Guto Mesquita

**GESTÃO 2002-2005** • Conselho Curador: Eduardo Portella, Marcos Pereira, Maria Antonieta Antunes Cunha, Regina Bilac Pinto, Roberto Feith, Wander Soares. Conselho Diretor: Carlos Augusto Lacerda (Presidente), Laura Sandroni, Sônia Machado. Conselho Fiscal: Ana Lygia Medeiros, Henrique Luz e Terezinha Saraiva. Suplentes: Celina Dutra da Fonseca Rondon, Maria do Carmo Marques Pinheiro, Regina Lemos. Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflóg, Alexandre Martins Fontes, Annette Baldi, Bia Hetzel, Daniel Feffer, Felipe Lindoso, Ferdinando Bastos de Souza, Fernando Paixão, José Alencar Mayrink, José Bantim, Lília Schwarcz, Luiz Alves, Vladimir Ranevsky, Lúcia Jurema Figueirôa, Ottaviano de Fiore, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Ricardo Arissa Feltre, Rogério Andrade Barbosa. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente Notícias.  
Tel.: (0XX)-21-2262-9130  
e-mail: fnlij@alternex.com.br  
home page: www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: fnlij@alternex.com.br

# Quatro séculos de leituras populares

Conferência de Roger Chartier no Rio de Janeiro <sup>1</sup>

**N**o *Tesouro da Língua Castelhana ou Espanhola*, de Covarrubias (1611), o verbete “carta” enumera as seguintes definições: “cartanova”, em língua valenciana, as coplas ou relatos em prosa de algum acontecimento novo e notável, que os cegos e os charlatães e saltimbancos vendem pelas ruas e praças; “cartilla”, a folha onde estão escritas as letras do alfabeto, e por onde as crianças começam a ler; “cartapel”, a escrita longa, que junta folha com folha, sem virar a página, como os éditos que são fixados nas portas das igrejas, tribunais e lugares públicos; “cartel”, o escrito que é posto em tempo de festas pelos organizadores de justas ou torneios, ou jogos de anéis, aos pés do qual assinam os aventureiros, sendo que costuma chamar-se de cartaz também o libelo infamante fixado secretamente pelas esquinas. Colados ou pregados nas paredes, divulgados pelas ruas e praças, vendidos pelos cegos, utilizados pelos mestres, os textos impressos ou manuscritos chegam até os leitores mais populares do Século de Ouro.

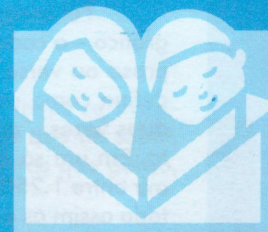
Nos séculos XVI e XVII mesmo aqueles que não sabem ler podem ter acesso à cultura escrita como ouvintes das leituras em voz alta feitas por quem aprendeu o á-bê-cê. Cervantes representa semelhante transmissão dos textos no capítulo XXXII da primeira parte do *Quixote* (1605), onde o taberneiro *Juan Palomeque* evoca assim a leitura em voz alta de duas novelas de cavalaria, *Don Cirongilio de Tracia* e *Felixmarte de Hircania*, e de uma crônica, a *Historia del Gran Capitán Gonzalo Hernández de Córdoba*:

**“Quando é tempo da sega, se reúnem aqui para as festas muitos segadores, e sempre há algum que sabe ler, o qual pega um destes livros nas mãos, e o rodeamos mais de trinta e o estamos escutando com tanto gosto, que nem pensamos em preocupações.”**

Fica muito claro, então, que a forma “moderna” da leitura silenciosa e solitária não fez desaparecer as práticas mais antigas que ligavam o texto e a voz e permitiam a formação, pelo menos nas cidades, de um amplo público que “leu” os textos, escutando-os graças à mediação das vozes leitoras. O grande analfabetismo na Espanha do Século de Ouro não impedia esta modalidade de transmissão da cultura escrita, já que, como observa Margit Frenk (1997), “bastava que em uma família ou em uma comunidade houvesse uma pessoa que soubesse ler para que, virtualmente, qualquer texto pudesse ser desfrutado por muitos”.

Pouco tempo depois da invenção da imprensa, alguns tipógrafos e livreiros audaciosos entenderam que existia um amplo mercado para o escrito. É a esse público de leitores e ouvintes que dirigiram os novos gêneros impressos. Conquistar essa nova clientela “popular” – no duplo sentido da palavra: era numerosa e abarcava leitores humildes (artesãos, pequenos comerciantes, elites aldeãs) – pressupunha diversas condições: unir fórmula editorial que baixasse os custos de produção e, com isso, o preço de venda do livro ou livrete; a distribuição dos objetos impressos por vendedores ambulantes; e a feitura de um catálogo de textos susceptíveis de captar o maior número possível de leitores, inclusive os menos favorecidos.

<sup>1</sup> A editora FTD, comemorando 100 anos, procurando ressaltar a importância da leitura literária na formação do leitor, convidou a FNLIJ para organizar a 1ª Conferência FTD de Educação e Cultura. Para essa conferência foi convidado o Prof. Roger Chartier, da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, França. Ele esteve no Rio de Janeiro, na Fundação Biblioteca Nacional, no dia 17 de outubro, em evento promovido pela FNLIJ/PROLER/editora FTD, apresentando uma conferência sobre o tema: “Leituras e leitores populares – séculos XV-XIX”, no Auditório Machado de Assis. Em São Paulo, também dentro desta programação dos 100 anos da FTD, no dia 22 de outubro, Roger Chartier, falou sobre “Do Leitor ao navegador – Os desafios do novo mundo textual”. No Notícias 3 estamos publicando a primeira parte da conferência do dia 17 de outubro. Em um próximo número, traremos a continuação. A tradução é de Márcia Filgueiras Gonçalves.



FNLIJ  
Notícias

Suplemento

Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo nº 21

Foi assim que na Espanha uniu-se um objeto tipográfico – o caderno solto – e uma coletânea de textos em prosa ou verso (Infantes, 1992). A forma do caderno se define como uma folha de papel de imprensa dobrada duas vezes – ou seja, oito páginas no formato em quarto. Em um só dia de trabalho, uma prensa podia imprimir entre 1.250 e 1.500 exemplares de um caderno. Ajustada assim às estruturas da imprensa espanhola que contava com muitas gráficas que não dispunham de mais de uma prensa, a fórmula do caderno (que podia ser ampliada para até quatro folhas de imprensa, ou seja, trinta e duas páginas) impunha a escolha de textos cuja circulação podia assegurar. Tinham que ser pequenos, susceptíveis de grande difusão e pertencer a gêneros “populares” no duplo sentido, social e comercial, da palavra. Daí surgiu nos séculos XVI e XVII a preferência pelos romances – os relatos de acontecimentos, cuja produção anual se incrementou fortemente a partir da última década do século XVI – ou as comédias soltas. Esta ampla difusão dos cadernos permitiu a presença da escrita impressa na cultura do cotidiano – mesmo para os analfabetos ou mal-alfabetizados.

A partir do início do século XVI, os romances, compostos para serem cantados, como toda a poesia épico-lírica, começaram a circular em forma impressa, mas em duas modalidades muito diferentes. A primeira era formada pelas antologias, coleções, recopilações que tomavam a forma de cancioneros e que incluíam várias dezenas ou centenas de romances. É provável que estas recopilações, cuja série começa com o “Cancioneiro Geral” de Hernando del Castillo em 1511, e que com bastante frequência levam o título de “Miscelânea de Romances”, se dirigiam a leitores socialmente favorecidos que pertenciam ao mundo das pessoas cultas. A segunda forma de circulação é a que constituía os livretes, cujo exemplo mais antigo data de 1510 e foi impresso em Zaragoza por Jorge Cocí.

Se num primeiro momento a fórmula impressa se ajustou à forma poética, posteriormente se constatou um movimento inverso. O primeiro repertório de romances impressos, o dos romances “velhos”, foi o resultado de escolhas feitas pelos livreiros editores da primeira metade do século XVI de dentro da tradição oral e manuscrita. Os romances “modernos”, que escreveram depois poetas letrados (Góngora, Lope de Vega) para leitores cultos, se submeteram às dimensões do livrete. O mesmo ocorre no século XVII com os romances de cego ou de cordel, dirigidos a um segmento popular e cuja composição era atribuída aos cegos que os vendiam, já que na Espanha eram as suas confrarias que possuíam o monopólio dos papéis públicos, determinados por uma decisão real de 1739, como “gazetas, almanaques, coplas e outros papéis de devoção e diversão que não excedam a quatro folhas” – “quatro folhas”, ou seja, a definição do caderno no formato em quarto.

O uso social dos romances se desdobra em uma ampla gama. Ingressaram profundamente na cultura do cotidiano graças à sua circulação impressa na forma de livrete: cantados, acompanharam o trabalho, o baile, a festa; decorados, proporcionaram um repertório de ditados e refrães; lidos, serviram para o aprendizado da leitura tanto quanto o foi a cartilha, à qual se refere o diálogo entre *Peribáñez* e *Casilda* na comédia de Lope:

“Amar e honrar seu marido  
é letra deste á-bê-cê,  
sendo boa pelo B,  
que é todo o bem que te peço”.

A circulação dos livretes poéticos, situada entre transmissão oral, impressão e retorno à oralidade, mostra claramente de que maneira um mesmo gênero pode dirigir-se a públicos diferentes, nutrir diversas formas de apropriação e suscitar usos bastante opostos.

Ao criar um novo público graças à circulação dos textos em todos os segmentos sociais, os livretes contribuíram para a divisão entre o “vulgo” (leitor ingênuo) e o “discreto lector” (leitor proficiente). Certo é que a categoria de “vulgo” não designava nem imediatamente nem exclusivamente um público “popular”, mas se utilizava para depreciar os leitores (ou espectadores) desprovidos de senso estético e competência literária. Entretanto, os verbetes do *Tesouro* de Covarrubias situam a palavra “vulgo” dentro de uma série de definições ou equivalências que caracterizam socialmente o “vulgo”: “vulgo”, a gente comum do povo; “poblacho”, a gente ruim, o vulgo; “ruin”, homem de mau trato, ou coisa que não é boa. Mediante a fórmula do duplo prólogo, que indicava a mesma obra ao “vulgo” e ao “discreto”, se estigmatizava a necessidade do primeiro e se louvava o conhecimento do segundo. Em 1599, Mateo Alemán, nos dois prólogos do *Guzmán*, se dirigia em primeiro lugar ao “vulgo”, declarando: “Não quero gozar o privilégio de tuas honras nem a generosidade de tuas lisonjas, quando com elas quiseres honrar-me, que o louvor do mau é vergonhoso. Prefiro a repreensão do bom, por ser o fim mesmo com que a faz, à tua estima depravada, pois inevitavelmente há de ser má”; enquanto que, pensando no “discreto” afirmava: “Não é necessário com o leitor hábil longos preâmbulos nem prolixas arengas: pois nem o desvanece a eloquência das palavras, nem o atinge a força do discurso mais do que é justo, nem estriba sua felicidade em que o alcance a benevolência. À sua correção me submeto, seu amparo peço e confio na sua defesa”.

No Século de Ouro, porém, o “vulgo” constituía o principal mercado tanto para os textos representados sobre o palco como para os romances, coplas e relatos publicados na forma de livrete e vendidos pelos cegos. É a existência postulada e comprovada desse “vulgo” como amplo público que comandava as estratégias da escrita e as decisões editoriais dos tipógrafos e livreiros. Proclamar a primazia do gosto sobre os preceitos define toda a estratégia argumentativa de Lope em seu livro *Arte nova de fazer comédias neste tempo* (1609). O texto está construído a partir de uma contradição fundamental entre a idéia negativa da capacidade de julgamento do “vulgo” e a afirmação da legitimidade das preferências do amplo público dos teatros. Enuncia assim o paradoxo:

“Quando hei de escrever uma comédia,  
enclausuro os preceitos com seis chaves;  
retiro Terêncio e Plauto do meu estúdio,  
para que não tenham voz, porque costuma  
dar gritos a verdade em livros mudos,  
e escrevo pela arte que inventaram  
os que o vulgar aplauso pretenderam;  
porque, como as paga o vulgo, é justo  
falar-lhe nesciamente para dar-lhe gosto.”

Não é muito fácil resolver a tensão entre “justo” e “gosto”, arte e aplauso, normas poéticas e êxito público. Pode-se supor em primeiro lugar que o dramaturgo tivesse plena consciência de que o público era constituído por muitos públicos, divididos e hierarquizados em função dos

segmentos e dos sexos entre a platéia, os camarotes, os balcões e a galeria das mulheres. A categoria do “vulgo” designaria então os distintos ouvintes que formavam o público do teatro em contraste com os doutos e letrados. Outra maneira de superar a contradição que atravessa o texto de Lope consiste em fazer finca-pé na primazia dos efeitos produzidos pela própria representação sobre os espectadores. Podia-se assim recuperar contra os doutos a referência a Aristóteles como o faz o editor da “Quarta Parte” (1624), quando afirma “que não há na Espanha nem preceitos nem leis para as comédias que satisfaçam o vulgo; máxima que não desagradou a Aristóteles, quando disse que o Poeta da fábula havia atingido seu objetivo se com ela conseguisse o apreço dos ouvintes”. Com semelhante retorno à autoridade poética, podia-se conciliar o êxito público com a excelência estética, medida pelo impacto da obra representada e não pela leitura do texto impresso. Voltando à sua obsessiva contabilidade textual, Lope escreve no fim de “Arte”:

“Mas, o que posso fazer, se tenho escritas  
com uma que acabei esta semana  
quatrocentas e oitenta e três comédias?  
Porque, fora seis, todas as demais  
pecaram contra a arte gravemente.  
Sustento, por fim, o que escrevi, e reconheço  
que, ainda que estivessem melhor de outra maneira,  
não teriam o apreço que tiveram,  
porque às vezes o que é contra o justo  
pela mesma razão deleita o gosto”.

Semelhante tensão entre a construção de um novo público leitor pela oferta impressa e as denúncias da divulgação corruptora da cultura escrita fundamentou as críticas contra a invenção de Gutenberg. O livreiro condenado ao inferno nos “Sonhos” de Quevedo (1627) indica ironicamente o temor e o rechaço dos “sábios” frente a uma circulação demasiado ampla dos textos:

**“Eu e todos os livreiros nos condenamos pelas obras ruins que fazem os outros, e pelo que barateamos os livros de romance e os traduzidos do latim, sabendo os tolos agora, com os livros, o que valorizavam em outros tempos os sábios, porque agora até o lacaio latiniza, e acharão Horácio em espanhol na estrebaria”.**

O diálogo que Lope de Vega imagina em *Fuenteovejuna* entre o lavrador *Barrildo* e o licenciado de Salamanca, *Leonelo*, ilustra a mesma desconfiança frente à multiplicação dos livros permitida pela invenção da imprensa – uma invenção recente no tempo dos eventos narrados na comédia e que ocorreram em 1476. A *Barrildo*, que louva os efeitos da imprensa:

“Depois que vemos tanto livro impresso,  
não há ninguém que de sábio não se presuma”,

*Leonelo* responde:

“Ao contrário, ignoram mais; sinto por isso,  
por não se reduzir a breve suma;  
porque a confusão com o excesso  
os intentos dissolve em vã espuma;

e aquele que de ler tem mais uso,  
de só ver letreiros está confuso”.

Segundo ele, a multiplicação dos livros se transformou em uma fonte de “confusão” mais que de saber, e a imprensa, com todo o “excesso” de livros que gerou, não produziu novos gênios:

“Sem ela muitos séculos se passaram,  
e não vemos que neste se levante  
um Jerônimo santo, um Agostinho”.

Multiplicando os exemplares, as edições baratas, as traduções nas línguas vulgares, a imprensa assegurou a difusão dos textos clássicos muito além dos meios restritos que costumavam lê-los na cultura manuscrita. Daí os possíveis proveitos dos editores e os temores das elites. Esta tensão caracteriza não somente o Século de Ouro, mas também, de maneiras distintas, cada época, já que sempre se opuseram a divulgação da cultura livresca, graças à atividade editorial, e a vontade de controlar, ou confiscar o poder do escrito, por parte dos dominantes.

Tal contradição, que não é específica da Espanha do Século de Ouro, fundamentou em outros países tanto os discursos que denunciavam a corrupção dos textos por leitores incapazes de entendê-los como a produção maciça de novos gêneros impressos dirigidos aos mais numerosos e humildes. É o caso da Inglaterra dos séculos XVI e XVII com as baladas (Watt, 1991). Estima-se em torno de três mil o número de títulos que foram publicados. Trata-se de textos de ampla difusão devido ao preço baixo, o que os colocava ao alcance dos mais modestos compradores. As baladas eram impressas em geral somente de um lado de uma folha de imprensa, de acordo com uma disposição regular na qual, desde cima até embaixo, figuravam o título, a indicação do tom em que devia-se cantar a balada, uma gravação em madeira e o texto poético, seja religioso ou profano, distribuído em duas colunas. Constituíram um grande mercado, progressivamente conquistado por livreiros especializados que estabeleceram quase um monopólio sobre o gênero.

Há que partir da própria materialidade das baladas para tentar reconstruir a maneira como eram “lidas” na Inglaterra dos séculos XVI e XVII. Está claro que duas das indicações que o próprio objeto oferece nos distanciam da leitura solitária e silenciosa. Essas indicações sugerem em primeiro lugar uma leitura feita em comum: colocada numa parede, a balada pode ser lida em voz alta por aqueles que, mais bem alfabetizados que os demais, são capazes de servir de mediadores na leitura para os menos instruídos. Também demonstram, pela indicação do tom, que o texto foi feito para ser cantado, com ou sem acompanhamento instrumental, por músicos profissionais ou por ambulantes que, assim como os cegos na Espanha, não só as vendiam como também as cantavam para atrair compradores. Utilizando seu conhecimento da clientela mais popular e sua colaboração com os ambulantes, os editores das baladas estabeleceram no início do século XVII um novo comércio: o dos “chapbooks”, que diferenciava entre três tipos de impressos (“small books”, “double books”, “histories”) e em que cada um correspondia a um formato particular e determinado número de páginas. O repertório de que se apoderou esta nova fórmula editorial reutilizou, adaptou e às vezes abreviou textos antigos, cristãos ou profanos, que pertenciam a diversos gêneros e tradições.



espírito humano tende, com frequência, para a nostalgia. Lamentar o que se perde com as modificações culturais parece ser um destino da espécie, esquecida do quanto lutou por aquelas mesmas transformações que deplora. Não havia televisão? Ah, as cadeiras à calçada, as saborosas conversas ao cair da tarde. Não havia computador?

Ah, como liam as crianças e os jovens! Não havia celular? Ah, poder fugir dos chamados inconvenientes, em qualquer fim de mundo a cem quilômetros de uma grande cidade. Não havia imprensa? Ah, o mundo girando nas mãos dos poucos realmente aptos para ter idéias e poder divulgá-las. Como era bom o mundo, antigamente.

Ao servir à fixidez do mundo, a nostalgia faz da confiança na capacidade humana de transformar as circunstâncias de vida um sentimento incômodo. Se antes era sempre bem melhor, por que inventar o futuro?

É aí, na inviabilidade do assalto nostálgico, que Roger Chartier atinge o leitor ou aqueles que assistem a suas aulas ou conferências, tocados num lugar sensível e pouco explorado pelos cientistas sociais: o lugar da confiança na invenção do futuro.

Investindo na imprevisibilidade e na sabedoria da espécie, Chartier evidencia o movimento humano no que tem de mais rico e incontrolável: deslocamentos, criações, apropriações, reinvenções.

Como cientista, e sábio, não esquece que somos um sendo, refazendo constantemente a nós e ao mundo. E que o novo não extingue o antigo. E que não se vigiam todas as fronteiras por onde o novo pode ser invadido, tomado, apossado por aqueles que não eram – originariamente – os destinatários dos seus benefícios e prazeres.

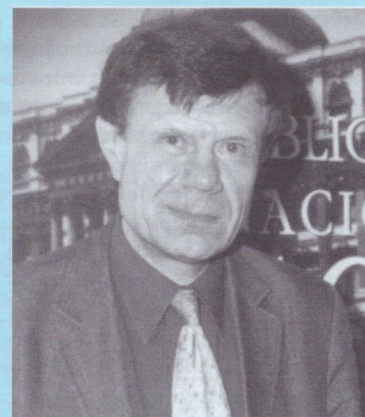
O universo do escrito é um dos que melhor pode revelar essa fermentação: a imprensa não extingue o manuscrito, os analfabetos usufruem do material impresso que se torna acessível às camadas populares, o popular é um elemento de peso nas decisões editoriais, as elites perdem e reinventam formas de controle sobre o escrito, o popular se aprimora na invasão de terrenos considerados alheios, os suportes se modificam, as marcas de leitura do popular são buscadas por profissionais nos espaços adequados para reler, à luz dessas marcas, o curso da história.

As comunidades de leitores, caracterizadas por um repertório comum, mesmos códigos de interpretação, interesses de leitura orientados na mesma direção e semelhante relação física com o ato da leitura, trazem à consideração do estudioso elementos inusitados de avaliação e prospeção da presença da palavra escrita entre os povos, em temporalidades diversas.

Ao colaborar para a melhor compreensão do panorama sócio-histórico-cultural circunscrito à presença da palavra impressa, a palestra pronunciada por Roger Chartier, historiador e professor na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais) propicia investimentos mais adequados nas ações que efetivem o acesso à palavra escrita – reconhecido hoje como um direito natural da espécie humana.

Nilma Gonçalves Lacerda <sup>2</sup>

<sup>2</sup> Nilma Gonçalves Lacerda foi contemplada com a bolsa *Virtuose*, do Ministério da Cultura, com o projeto *Diário de Navegação da Palavra Escrita na América Latina*, participando, no ano letivo de 2001-2002, de vários seminários na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, num programa de pós-doutorado que teve, como interlocutor e orientador, o historiador Roger Chartier.



Roger Chartier nasceu em Lyon em 1945. É *Directeur d'Etudes* na *Ecole des Hautes Etudes* em Paris e *Visiting Professor* na *Universidad de Pennsylvania* na Filadélfia. Seus principais livros em espanhol são *El Mundo como representación. Estudios sobre historia cultural*, Gedisa, 1992; *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*, Alianza, 1993; *El orden de los libros, Lectores, autores y bibliotecas en Europa entre los siglos XIV y XVIII*, Gedisa, 1994; *Espacio público, crítica y desacralización en el siglo XVIII. Los orígenes culturales de la Revolución francesa*, Gedisa, 1995; *El juego de las reglas: lecturas*, Fondo de Cultura Económica, 2000; *Entre poder y placer: Cultura escrita y literatura en la Edad moderna*, Cátedra, 2000; *Las revoluciones de la cultura escrita. Diálogo e intervenciones*, Gedisa, 2000.

Reflexões sobre leitura e LIJ. Fascículo nº 21

Parte Integrante do Notícias 3/2003

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra

Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers